



TECENDO FRONTEIRAS: UMA ENTREVISTA COM EDITH DERDYK

Shayda Cazaubon Peres¹

WEAVING BORDERS: AN INTERVIEW WITH EDITH DERDYK

TEJIENDO FRONTERAS: UNA ENTREVISTA CON EDITH DERDYK

¹ Doutoranda em Processos Artísticos Contemporâneos (PPGAV-UDESC). Mestre em Ensino das Artes Visuais (PPGAV-UDESC). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais (CA-UFPEL). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1277533821067633>. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4681-8644>. E-mail shay.cazaubon@gmail.com.

RESUMO

O texto a seguir é o resultado da entrevista realizada com a artista e professora brasileira Edith Derdyk, a qual teve como ênfase a relação entre publicações de artistas e a caminhada como processo poético e pedagógico. Além dessas temáticas principais abordadas, a artista descreve parte do seu processo criativo e poético, revela algumas de suas referências filosóficas, teóricas e artísticas. Mesmo ao trabalhar com diferentes materiais e suportes, salienta ser o fio condutor de sua poética a “linha”, que ora se apresenta em forma de desenho, escrita, livro de artista, escultura, instalação ou no deslocamento físico do corpo da própria artista.

Palavras-chave: Publicações de artista. Criação artística. Caminhada. Edith Derdyk. Entrevista.

ABSTRACT

The following text is the result of an interview with Brazilian artist and professor Edith Derdyk, which focused on the relationship between artists' publications and the artistic and pedagogical process. In addition to these main themes, the artist describes part of her creative and poetic process, revealing some of her philosophical, theoretical, and artistic influences. Even when working with different materials and mediums, she emphasizes that the guiding thread of her poetics is the “line,” which takes the form of drawing, writing, artist's books, sculpture, installation, or even the physical movement of the artist's own body.

Keywords: Artist publications. Artistic creation. Walk. Edith Derdyk. Interview.

RESUMEN

El siguiente texto es el resultado de una entrevista realizada con la artista y profesora brasileña Edith Derdyk, que se centró en la relación entre las publicaciones de artistas y el proceso poético y pedagógico. Además de estos temas principales abordados, la artista describe parte de su proceso creativo y poético, revela algunas de sus referencias filosóficas, teóricas y artísticas. Incluso al trabajar con diferentes materiales y soportes, enfatiza que el hilo conductor de su poética es la “línea”, que se presenta en forma de dibujo, escritura, libro de artista, escultura, instalación o en el desplazamiento físico del cuerpo de la propia artista.

Palabras llave: Publicaciones de artistas. Creación artística. Caminar. Edith Derdyk. Entrevista.

INTRODUÇÃO:

Edith Derdyk (1955) é Doutora Honoris Causa, artista, designer gráfico, escritora e professora brasileira, que vive e atua em São Paulo. Frequentou o Instituto de Arte e Decoração (IADÊ), em São Paulo. cursou Licenciatura em Artes Plásticas pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), em São Paulo. Como designer ilustrou capas de CDs e de livros, algumas em conjunto com outros artistas. Escreveu livros infantis e teóricos. Participou de inúmeras exposições coletivas e individuais. Recebeu diversas premiações ao longo de sua carreira, entre eles, os mais recentes: *Pollock Krasner Foundation*, *Rockefeller Foundation* e APCA em 2002. Atualmente ministra cursos livres e atua como professora e coordenadora do curso: Caminhada como método para a arte e educação, ministrado na Casa Tombada, na cidade de São Paulo.

Sua narrativa poética se desloca através da linha, seja ela registrada em formato de desenho, escrita, livro de artista, escultura, instalação, ou, na caminhada em si, desta maneira, tece tramas com diferentes suportes e materiais. Durante a entrevista, a qual posteriormente foi transcrita, Edith Derdyk (ED) discorreu sobre parte do seu processo criativo tecendo as fronteiras entre caminhada e publicações de artistas, também revelou algumas de suas referências filosóficas, teóricas e artísticas.

ENTREVISTA:

- 1. As suas produções de livros de artista ultrapassam as fronteiras palpáveis, estendem-se como partituras coreográficas, como propostas performativas ocupando paredes e chão. Como esse processo expansivo propositor de um outro tempo e espaço de absorção influencia a sua pesquisa teórica e poética do caminhar, se é que há um troca de influências entre eles?**

ED:

O termo “partitura coreográfica” foi um termo que inventei em 2009, por conta de um Simpósio Internacional sobre o livro de artista que aconteceu na UFMG. Elaborei uma conversa relacionando a estrutura narrativa de um livro de artista, com uma espécie de partitura coreográfica, analisando as relações entre: palavra e imagem; palavra e palavra; imagem e imagem. Refletindo em como elas pousam em um espaço físico, que é o que eu chamo de campo poético, que no caso são, as páginas de um livro. Ou seja, como que elas, através de sua articulação, conjugação de materiais sensíveis como: formato, dobradura, costura, corte, dobra, enfim... a forma-conteúdo de um livro de artista, sempre sugere uma maneira muito particular de folhear, como se a leitura se desse pelas pontas dos dedos, pelo próprio manusear. Então penso que o livro de artista é uma espécie de “caixa surpresa”, cuja estrutura narrativa é dada por essa conjugação de informações materiais formais e de conteúdo, que são relações indissociáveis, sugerindo modos muito particulares de folhear o livro, instaurando e afirmando o livro de artista como propositor performativo. Existe uma performatividade presente no ato da leitura de um livro de artista, e isso eu chamei como partitura coreográfica.

2. Qual a importância que você vê em trabalhar a caminhada como prática pedagógica dentro do campo da arte?

ED:

Como artista e educadora, tenho trabalhado com a questão da caminhada desde 2004. Na época, não sabia direito que a caminhada poderia ser considerada uma prática poética. Eu trabalhava em relação ao desenho porque tanto o desenho, como a caminhada são linhas em movimento, linhas que se estendem no tempo e no espaço. Até que eu conheci o livro do Francesco Careri, *Walkscapes* (2015), que me abriu toda uma paisagem a ser explorada com ferramentas e repertórios para ressignificar os enunciados que eu fazia com desenho a partir de caminhadas em espaços públicos. Desde então, comecei a desenvolver a questão da caminhada como um dispositivo poético de captura, através do desenho, da escrita, do vídeo, da fotografia, da performance, registros que acontecem a partir da experiência do ato de caminhar. O ato de caminhar é uma atividade muito ancestral que atravessa toda a história da civilização humana. Somos os únicos seres vivos eretos em todas as espécies vivas que existem no planeta terra, animais que caminham em longa distância. E o ato de caminhar fundamenta a invenção de todos os campos de conhecimento, tanto das ciências humanas e exatas: por exemplo, o que seria da astronomia se não houvesse caminhantes, que precisassem dos recursos de orientação que se originam a partir da observação do céu caminhando no deserto? Por outro lado, a caminhada também faz parte, simbolicamente, metaforicamente, existencialmente, da vida de cada um de nós, tanto que tem aquela expressão: “a jornada”, “nossa jornada”, tem muitas metáforas para simbolizar e significar o que seja “a caminhada da vida” que não é necessariamente um deslocamento apenas com o corpo. O pensamento também é uma espécie de caminhada. Então poderíamos considerar a caminhada como um dispositivo para pensar o que significa deslocamento, em todos os âmbitos possíveis. Atualmente eu coordeno grupos de pós-graduação na Casa Tombada com o nome: Caminhada como Método para a Arte e para a Educação.

3. Quais são as suas referências artísticas? E como se dá o seu processo de criação?

ED:

Desde sempre, eu sempre desenhei. Para mim o desenho é quase uma afinidade biológica. Minhas primeiras memórias se referem ao ato de desenhar – criança desenhando na lousa aos 3 anos de idade! O desenho é muito presente em todo o meu processo de construção subjetiva, construção da minha subjetividade. As referências variam de Paul Klee a Richard Serra, de Eva Hesse à Sol LeWitt. Mas também me valho muito pela literatura, pela poesia e filosofia: João Cabral de Melo Neto, Paul Valéry, Merleau-Ponty, Bergson, Bachelard. A filosofia e a literatura se tornam grandes âncoras para poder voar com o meu trabalho. O processo de construção do trabalho é difícil definir agora o que seja, mas o que sim, é que percebo que todos os meus trabalhos são engates, e dispositivos e ativações para outros trabalhos. Cada trabalho equivale a um pedágio de uma longa estrada, sempre ali realmente se deslocando, caminhando em busca de horizontes. Horizonte é aquele lugar que a gente nunca consegue pegar e, no entanto, quanto mais a gente caminha mais longe ele tá, é a tal da utopia a que se refere Eduardo Galeano. Criar tem muito a ver com essa íntima necessidade de se agarrar no mundo, de algum modo, de uma forma poética, onde se traduz, de um modo singular, sua leitura de mundo, e ainda assim, sem nunca dar conta dela. E é justamente a impossibilidade de se dizer o indizível é o que nos faz caminhar.

4. Entre tramas, desenhos, deslocamentos, rizomas, fronteiras, gestos e conexões... qual a linha em comum que atravessa as suas obras e proposições? O que te move e permanece nas suas práticas?

ED:

Se trata da linha, que é um elemento que se coloca em movimento. Podemos entender que o ato de escrever, o ato de caminhar, o ato de ler, o ato de desenhar são atos recorrentes e correlatos: uma ação alimenta a outra... então o que permeia é exatamente a linha, que é esse lugar entre uma coisa e outra que conecta, que cria tramas, redes, tessituras. A própria linha é esse ponto em movimento, que pode se manifestar em várias áreas do conhecimento. Então, eu poderia dizer que é a própria linha.

5. Na produção de livros de artistas, criam-se movimentos e temporalidades múltiplas, coexistindo no mesmo território. Gostaria de saber como essas obras evocam outras formas de narrativa e como disparam modos de existência porvir em sua produção?

ED:

Ao analisar a estrutura de um livro e perceber que a narrativa é dada por essa proposição performativa no ato da leitura, identifiquei que existe dentro desse ato de folhear as páginas, deste ir e vir, uma espécie de caminhada. Poderia dizer que qualquer ato de leitura, até de um livro tradicional, cujo espaço, é um espaço isento para o depósito gráfico de signos verbais, visuais, o ato de leitura em si, é uma caminhada, porque sempre há uma travessia ao folhear um livro. E é muito comum dentro do universo da caminhada, a qual é uma ação efêmera, que os artistas caminhantes usem o formato da publicação de um livro, pois é um espaço, que vai guardar, recolher, testemunhar a sua ação. Muitas vezes, a partir

desses registros, se constrói uma narrativa poética. Então aí existe essa vertente de conectar também as publicações ou os livros de artista, que também são publicações, mas que pensam o livro como espaço poético, como um lugar eleito e privilegiado para testemunhar a ação efêmera do ato de caminhar. Então, para mim, isso ficou muito conjugado, principalmente porque nas minhas instalações artísticas, eu estendo centenas de metros de linha no espaço, e isso implica no ato de caminhar fisicamente. Para eu poder construir as instalações no espaço, eu tenho que realizar o movimento de ir e vir, por quilômetros no espaço. Ao mesmo tempo, a outra afinidade é o fato dessas instalações serem efêmeras e fugazes. Dessa maneira, surgiu a ideia de realizar os registros dessas instalações, construindo livros de artista a partir das narrativas visuais, pois também há uma natureza fugaz, seja pela minha ação em si ou pelo resultado de uma instalação.

Data de submissão: 29/06/2023

Data de aceite: 30/09/2023

Data de publicação: 26/11/2023